

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

ANNO III

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 52, Bar-
cellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida fran-
ca de porte.

DOMINGO, 5 DE ABRIL

— DE 1892 —

Publicações

Anuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % An-
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um
exemplar.

N.º 109

SABBADO, 2

OS PARTIDOS POLITICOS

Não temos por costume intromettermo-nos nas vidas alheias, nem mesmo nas vidas dos partidos. O jornalismo, porém, tem deveres a cumprir, e um d'elles é informar os seus leitores do que se passa, ou pelo menos do que se diz. O scisma no partido regenerador não é de hoje nem de hontem. Havia já muito tempo que elle se tinha dividido. Quando depois da morte de Fontes se escolheu para seu successor o sr. Antonio de Serpa, nem todos ficaram contentes com o pontifice eleito. Houve um periodo, é certo, durante o qual não manifestaram as suas tendencias scismaticas os que não viam com bons olhos a cadeira primacial collocada na Cova da Moura, mas a conjuração dos protestantes nem por isso deixava de ir fazendo o seu caminho. Não tardou por isso muito que um novo papa regenerador fundasse a sua igreja n uma especie de Avignon politico, levando consigo muito mais fieis do que aquelles que ficaram com o chefe consagrado e primeiramente investido. D'esta vez Avignon ia supplantando Roma, e não sabemos o que aconteceria se a morte não tivesse ferido prematuramente o estadista, que mais adhesões tinha evidentemente no partido regenerador.

Era isto um bem? Era isto um mal? Evidentemente era um mal. Um mal para o partido que se dividia, e um mal para o paiz, que só tem a perder com o enfraquecimento dos seus partidos politicos. Accentuava-se, porém, de tal modo o primado politico do sr. Lopo Vaz entre os regeneradores, e eram os seus processos de tal modo habilidosos, persuasivos, insinuantes e conciliadores, que debaixo da sua acção se poderia julgar possivel a conservação da unidade partidaria, muitas vezes ameaçada mas outras tantas vezes restabelecida. Assim foi vivendo o partido regenerador, e assim iria tambem continuando a viver se o deploravel acontecimento que o traz de lucto não viesse perturbar esse estado

de cousas. Pensaram muitos que depois da morte do sr. Lopo Vaz não haveria quem se apresentasse como legitimo herdeiro da sua primazia politica, e que todos os scismaticos que elle pastoreava se congregariam em volta do seu antigo chefe.

Seria esta inquestionavelmente a mais sensata de todas as soluções, e a que mais aconselhaa estava sendo pelos urgentissimos deveres civicos e pelo proprio interesse do partido. Era, porém, uma hypothese ingenua. Não se podia esperar que a ambição pessoal encolhesse as suas garras, e sacrificasse a vaidade das grandezas e do commando ao dever civico e ao interesse partidario. Devia-se contar com a repetição d'aquella conhecida fabula da ran. Foi o que aconteceu. Tivemos, se é que não temos ainda, essa fabula em plena acção no partido dos nossos adversarios politicos, e francamente não rejubilamos nada com esse spectaculo.

Em nossa opinião nunca foi tão necessario como agora retemperar os partidos e revigorar as forças do parlamentarismo. E' por isso que vemos com um grande desprazer gastarem-se as forças dos nossos mais valerosos homens publicos em guerras tão esteris como as do alecrim e da mangelona, e é por isso tambem que vemos todos os dias com maior desprazer ainda abdicar o parlamento das energicas e secundas iniciativas, que fizeram as suas glorias de outro tempo, e que elle tem obrigação de recuperar para dignidade propria e para rehabilitação d'este systema constitucional, em que todas as liberdades e todos os progressos cabem á larga, mas com a condição imprescindivel de se não deixarem rebaixarem as suas prerogativas.

Tem sido um grave erro, de que os governos se têm arrependido por vezes, este de prescindir da cooperação parlamentar para ficar inteiramente livre na sua acção. Devia-se ter arrependido o ministerio regenerador chamado a governar o paiz depois de 11 de janeiro de 1890, quando prescindiu da cooperação que sinceramente lhe prometia o partido progressis-

ta, para se lançar em aventuras da sua exclusiva responsabilidade que deram com elle em terra. Estamos tambem convencidos de que, a estas horas, estará tambem arrependido o actual ministro da fazenda de não ter tornado dependente da sancção parlamentar o convenio com os portadores dos titulos da nossa divida. Dictaduras e auctorisações não podem constituir norma trivial de governo nem regra constitucional. E' preciso que sejam excepções, e excepções cada vez mais raras.

Esta rehabilitação do parlamento só pôde ter logar com partidos politicos fortes, bem organizados e que façam manter as velhas e boas tradições liberaes. Ahi está o motivo pelo qual nós temos segnidado com justificada curiosidade, acompanhada de temores não menos justificados, e que se está passando nos arcaes contrarios. Não ha muito tempo ainda que do nosso partido se referiam boatos analogos, com muito menos exactidão e com muito mais alegria. Tratavam então os nossos adversarios essa questão como uma simples questão de interesse partidario, senão d'interesse apenas pessoal. A nós affigura-se-nos, porém, que uma questão de partidos é um pouco mais que uma questão de personalidades, e que merece bem ser classificada entre os mais interessantes problemas da politica geral. E' tambem assim que nós a consideramos, e por isso fazemos sincerissimos votos para que seja verdadeiro o boato de se terem calado algumas ambições que se andavam a digladiar com grande encarniçamento, e de que a paz e a concórdia se ia restabelecer na igreja regeneradora, ameaçada n'estes ultimos dias por mais de um Luthero. Deus queira que assim seja, e que não volte tão ce-lo o prurido das proeminencias, evidentemente abafado e de modo nenhum extinto. As proeminencias não se sollicitam nem se concedem por obsequio. Conquistam-se e votam-se por aclamação. E' uma verdade muito antiga, e tão antiga como a existencia da vida publica no mundo.

CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Como referem os jornaes da capital foi assignado o decreto nomeando o sr. José Luciano de Castro vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Acrescenta-se que o sr. presidente do conselho foi a casa do sr. José Luciano dar-lhe parte d'esta nomeação, que foi uma verdadeira surpresa para o nobre chefe do partido progressista, que não a pediu e nunca trouxe uma palavra com o sr. José Dias a tal respeito.

O sr. presidente do conselho quiz assim dar uma prova de consideração ao sr. José Luciano, que não quiz emquanto esteve no poder despachar-se a si proprio para qualquer logar elevado, apesar do logar que exercia na direcção geral dos proprios nacionaes não estar á altura da sua posição politica e dos serviços prestados ao paiz.

E' uma nomeação que muito honra o ministro que a referendou e que o paiz inteiro reconhece ser de toda a justica.

O CONVENIO

O *Economista francez* refere-se no seu ultimo numero ás negociações do convenio projectado entre o governo portuguez e os seus credores. Diz aquelle importante jornal de finanças que o que se está passando em Lisboa é na verdade bem pouco animador, e commenta em seguida o facto de querer o nosso governo contrair um grande emprestimo de cem milhões de francos para satisfazer á divida fluctuante e para pagar durante tres annos metade do coupon da divida externa. Não approva este plano, allegando em primeiro logar que não é admissivel dar-se aos credores da divida fluctuante um privilegio sobre os credores ordinarios e acrescenta em segundo logar que se não sabe se haverá quem subscriva esse emprestimo, e no caso affirmativo com que taxa de juro. Faz ainda o *Economista francez* uma outra observação, que bem mostra a conta em que é tida lá fóra a nossa capacidade administrativa, porque diz elle que habituando-se Portugal a nada pagar com os seus recursos ordinarios durante tres annos, entraria facilmente n'um caminho, onde não era provavel que encontrasse a necessaria energia nem a coragem dos sacrificios que tão precisa está sendo. Recordamos em seguida o mesmo jornal de Paris o projecto por elle

publicado no seu anterior numero, e que consistiria em pagar no primeiro anno em papel com juro a metade dos juros da divida externa, no segundo anno um franco em especies, no terceiro 1,25 e no quarto 1,50, tudo isto sujeito á inspecção de uma commissão fiscalizadora escolhida pelos obrigatarios. Esta condição é julgada indispensavel pelo *Economista francez*, e segundo nas consta são d'esta mesma opinião os portadores de nossos titulos. Parece que esta clausula foi o ponto da discordância para a meza onde estavam prestes a celebrar-se as ágapes fraternaes do accordo financeiro. Diz-se que este se acha desmanchado por causa d'essa vexatoria clausula. Os nossos credores bem procuram adoga-la, mas não ha nada que lhe possa disfarçar o trazo e o amargor. Dizem por exemplo que os fiscaes estrangeiros não se intrometterão materialmente nas operações de percepção, e que se limitará antes a sua acção a verificar se todas as semanas, ou pelo menos todos os mezes, são realmente feitas as remessas do dinheiro proveniente das receitas consignadas. Devemos acrescentar que isto é dito com a maior naturalidade d'este mundo, e até com umas apparencias de bonhomia que causam espanto. Esta imposição degradante não poderá ser accete, e por isso nos parece que é verdadeiro o boato corrente de que o convenio está prejudicado. Não deitaremos lucto por isso, nem por tal motivo tarjaremos de negro esta noticia.

(Do Correio da Noite)

SCIENCIAS E LETTRAS

LITURGIA

Em que occasiões se deve tocar a campanha da missa?

Segundo as rubricas do missal, deve na missa privada, tocar-se ao *Sanctus* e á elevação.

O Ceremonial dos Bispos (L. I, c. XXIX, n. 6) manda tocar a sómente ás duas elevações, quando o Bispo diz missa privada. *Cum opus fuerit tintinabulum tanger, videlicet ter dum elevatur Hostia, et toties dum Sanguis, et non ultra.*

Toca-se a campanha n'esta occasião *Ad excitandos circumstantes, ad laetitiam exprimentam, et ad cultum Sanctissimi alhibetur campanula* — Merati. Pars I, Tit. XX. «De Praeparat. ene Altaris,» nota (c).

Bisso (verb. *Campanula*) attribue ao Papa Honorio III cu ao

cardial Vidon o toque da campainha nas duas Elevações.

Finalmente, a S. C. dos Ritos tolerou a algumas Igrejas o tocar-se também, ao *Domine non sum dignus* Decr. de 14 de maio de 1856.

Este costume on-le o houver, póde conservar-se: *Sed ubi talis est usus, ut Venetiis, non est impugnandus, excitat enim in illo actu iterum populi devotionem, et attentionem.* Vid. Joan. Clericatus, «De Sacrificio Missae», Decis. XLIII, n. 16.

Gavants e Bisso não louvam o tocar-se a campainha no acto do Sacordote dizer «Domine non sum dignus» e exprimem-se assim—«dicentes gratis feri.» Clericat. «sup. cit.»

Haverá alguma occasião, em que se não possa nem deva tocar a campainha á elevação da Hostia e Calix?

Não pode tocar-se a campainha, quando o SS. Sacramento está exposto em alguns dos altares de igreja (*Instruc. Clem. XL. Hor. n. 10*)—Se na igreja se celebrar algum officio fúnebre, absolvição ao túmulo ou outra função ecclesiastica, missa conventual, ou outra qualquer solemne. (Gavant., Bissi, Bauldry Joan. Clericatus et ali.)

Segundo Guardellini, Bal-deschi e outros, não se toca a campainha nunca na missa rezada e celebrada no altar da exposição.

Mgr. Pio Martinuci acha conveniente, que haja um signal, para advertir o organista de que deve deixar de tocar e que não convem empregar para este uso a campainha, que deve tocar-se á elevação: diz também, que é inutil o toque da mesma ao canto do *Sanctus* e acrescenta—que em certas Igrejas não se toca esta nas missas cantadas.

Tambem nas missas privadas, que se celebram em altares, que se vêem, quando se reza no côro, se deve ommittir o toque da campainha á elevação do SS.—Assim o manda a S. C. dos Ritos pelo Decreto de 5 de março de 1667.

O toque da campainha—nas missas privadas, quando as mais das vezes, só está presente o Celebrante com o ministro (acolyto ou ajudante) será de rigor liturgico?

A S. C. dos Ritos respondeu a uma pergunta, que lhe fóra feita pelo rvm.º Eduardo Faber, Bispo de Mariana, pela forma seguinte:—«Campanula in Missa pulsanda est etiam in privatis Oratoriis.» *Die 18 de julij 1825*—(Ad XII)

A campainha deve tocar-se pausadamente por badaladas distinctas e não d'um modo continuo, segundo a opinião de todos os auctores os mais notaveis.

Poderá nas missas solemnes ommittir-se o canto do *Introito*, *Communio* e *Offertorio*? A S. C. dos Ritos declarou, como abuso, tal omissão. Decr. de 11 de setembro de 1847.

Que oração se deve dizer nas Missas quotidianas de *Requiem*, que são cantadas sem Ministros, e mandadas celebrar por pieda-

e com estas satisfazem o honorario de taos Missas?

A S. C. em 12 d'agosto de 1884 respondeu que se dicesse a Oração *Deus venite largitor etc.*, e confirmou o decreto de 13 de julho de 1883, que manda dizer uma só Oração nas Missas cantadas sem Ministros.

Segundo o Decreto da S. C. de 27 de fevereiro de 1847, a Missa do primeiro dia do mez, ou da segunda-feira, que se celebra nas cathedraes, póde ter uma ou tres Orações.

P. Fernandes.

NO CAMPO

São tão lindos estes campos esta relva, estas flôres... estas fontes que murmuram os encantos dos amores...

Tão alegres os trinados que desprende o rouxinol, quer se esconda além, o dia, quer desponte o arrebol...

Ondula no ar o arôma em mil ondas caprichosas, dos jasmims e das verbenas dos lilazes e das rozas.

E cheio de pantheismo, de commoção a alma preza, dôbro o joelho e adoro-te adoro-te, oh natureza!

OLIVEIRA PASSOS.

DUENDES

Duendes... tu acreditas Em duendes meu amor? Tu crês em sombras malditas Lançando fogo em redor?!

Dizer que ao surgir a lua, Das montanhas do Oriente, Pelo teu quarto fluctua Uma luz vaga, tremente...

Mas vê bem, minha medrosa, Que tu és nova e tens fé, Talvez que seja outra cousa, Mas duende é que não é.

Se fosses descrente, sim; Ou criminoso, talvez: O tratante do Caim Viu phantasmas muita vez.

Mas o que via, o malvado, Era a propria consciencia; Porém tu... botão fechado, Cheia de casta innocencia!

Deixa-te d'isso, creança, O que tu viste a brilhar Foi talvez a luz da esperança Que te quiz ir visitar.

Eu tambem, ha muitos annos, Vi d'essas appareições; Pouco a pouco os desenganos Mataram-me as illusões!

Nem te digo o que soffri, Por isso, filha, desejo Que a luz que viste, p'ra ti Nunca apague o seu lapejo.

E enquanto ás almas penadas, E mais coisas que me contas, Que trazem sempre atterradas As velhas feias e tontas.

Os mortos, passaram já Por este mundo... e afinal Quem sabe quanto isto vale, De certo não volta cá!

ACCACIO DE PAIVA.

O SUICIDIO

Que lençoa é essa, que tão

lre nós; e que tão desgraçadamente vai enluando tantas familias?

Nenhum animal rasga as proprias entranhas; nenhum se priva voluntariamente da vida; só o homem é capaz de um tal attentado!

Todas as creaturas obedecem ao instincto, com que o Creador as dotou: só o homem se atreve a desobedecer-lhe! Todos parecem adorar a Providencia: só o homem se revolta contra ella!

Dizei áquelles que mais desejam matar-se, que se exponham pelos seus simlhanes; que se arrisquem a morrer por salvar-os e vereis como o amor da vida lhe falla então mais alto, que todos os vossos discursos.

Oh! quem póde comprehender quanto é contradictorio o suicidio? quanto esta palavra encerra de audacia e de delirio, de desesperação e de dôr, de crime e de miseria?

Elle é prohibido pela lei natural, por essa lei gravada no coração de todos os homens, que lhes inspira um secreto horror á destruição e lhes ordena que se conservem.

E' igualmente prohibido pela lei Divina positiva, no 5.º preceito do Decalogo: «Não matarás.»

Esta lei é a repetição da lei primitiva e este preceito comprehendendo assim o homicidio dos outros, como o de si mesmo. O de si mesmo ainda é mais grave, que o dos outros, diz o celebre Lebrum, porque faz duas victimas, a do corpo e a da alma a um tempo.

Os delictos que mais se precisa de prevenir, são aquelles que menos se podem castigar. Mas se é necessario prevenir o suicidio, pela difficuldade de o punir, ainda mais o é, pela triplicada injustiça que elle encerra e pela gravidade e extensão dos seus resultados.

Em um só acto o suicidio contém tres grandes injustiças, uma para contra os outros homens, a quem aquelle, que assim deserta da vida, priva dos exemplos e dos serviços que lhe deve; outra para consigo, a quem rouba o maior dos bens que póde roubar e faz o maior mal que lhe é possivel fazer; outra para com Deus, dispondo arbitrariamente de um deposito, de que só Elle tem direito de dispôr.

O suicidio é um attentado de uma especie toda particular. Não ha cousa a que possa compararse, nem circumstancia que o possa justificar.

Toda a natureza o condemna. Toda a sociedade deve tremmer ao constar-lhe que algum dos seus membros o commetteu.

Desde que a vida é nada para um homem, elle é senhor da dos outros. O escriptor que disse, que o furioso, capaz de matar-se, é um tigre em meio da sociedade, disse pouco.

A sociedade acautela-se do tigre, porque o conhece; mas quem sabe o que se passa na alma desesperada do suicida, para acautelar-se d'elle?

A frequência dos suicidios,

em Inglaterra, costuma attribuir-se á influencia do clima.

Nos outros paizes e momentaneamente no nosso, as causas são todas sociaes e moraes.

O homem mata-se, porque a prosperidade lhe pesa, ou a adversidade o irrita e a morte se lhe representa como o termo de tudo: mata-se, porque o dogma da immortalidade da alma não é um dogma para elle.

Mata-se porque não crê que a pessoa humana não esgota n'este mundo a sua essencia, carecendo por isso d'uma vida futura e que para a realisação do seu destino n'essa vida não póde haver limites; porque a alma é immortal.

Se o homem se persuadir que quando esta vida acaba, outra começa e de que os males da primeira são nada comparados com os da segunda; de que, subtrahindo-se voluntariamente áquelles, cabirá infallivelmente n'estes, oh! de certo elle não desertará do seu posto; não se rebellará contra a Providencia; não se matará.

Para que hade matar-se, crendo que com isso não fará senão precipitar-se nos abysmos da eternidade, contra as ordens de Deus; e que Deus estará lá para o castigar? ou que esperança poderá elle ter do perdão de seus crimes, se a ultima dôr, se o seu ultimo suspiro fór ainda um crime?

Ao esquecimento pois, ou ao desprezo da religião, é que principalmente se deve attribuir o fatalissimo progresso de lencura d'uma das maiores calamidades dos nossos dias.

O melhor conselho que se póde dar aos povos é que amem a religião e que sejam fieis ás suas maximas; aos desgostosos da vida e desejosos de terminal-a, que implorem o auxilio Divino, para poderem resistir á tentação de morrer.

OS DEGRAUS DA VIDA

Contemos do bem... No primeiro degrau, eis a alma, chegada apenas hontem a esta mansão, e que, dilatando-se já ao sorriso maternal, aprende a amar ao mesmo tempo que aprende a respirar.

Na segunda idade, dominando os seus orgãos, inicia-se nos thesouros accumulados pelas gerações passadas e habilita-se para tomar utilmente o seu lugar na harmonia da sociedade.

Apresenta-se um novo degrau, e o homem, tendo já comprehendido a idéa da familia, entra na grande e substancial idéa da patria, e para alli se conservar é mister que pratique acções generosas, que se sacrifique por ella nos campos da batalha, ou que preste qualquer outro serviço desinteressado que o acostume á abnegação e complete assim a sua educação pelo exercicio formal de todas as virtudes.

Quando chega a quarta idade, o homem está prompto: trata de procurar a sua companhia,

e, afinal vem a enraizar-se no genero humano, tornando-se o ramo de nova familia. E' então que é preciso, contribuindo para a felicidade commum, pensar mais directamente em si, e fundar pelo trabalho o porvir e a independencia de seus filhos.

Na idade seguinte, fortalecido pela experiencia e gozando da estima publica, póde o cidadão dedicar á patria uma parte da vida, exercendo as funções de confiança para as quaes for chamado ou eleito.

Soará em breve a hora da velhice: é o momento do descanso, o domingo da vida; em vez de ser um periodo de afflicção e de inveja, é-o, pelo contrario, de benevolencia, de piedade e de recolhimento.

A escada da vida chegou ao termo, subiram-se já os degraus; é pois, necessario apromptar para subir os mais sublimes com um passo mais firme, mais seguro e mais feliz. Tal é o segredo da morte. O homem não subiu gradualmente, durante a vida, para esta transfiguração final, senão para ganhar residencia melhor, mais perfeita, forma e virtudes mais solidas.

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje—os srs. Ricardio Candido Furtado d'Antas e Joaquim Martins de Faria.

Amanhã—o sr. dr. Manoel Paes de Villas Boas.

Dia 5—o sr. Antonio Carlos da Silva.

Dia 6—o sr. Antonio de Souza Azeredo.

Dia 7—o sr. major Luiz Augusto de Sousa Vianna.

Dia 8—as exm.ªs srs. D. Maria Guilhermina Sarmento Velloso, D. Maria José Pinto e Silva e D. Lucia Guedes Martins.

Estiveram entre nós os srs. Manoel da Graça Pereira Roças, de Vianna do Castello, José Gonçalves Agra e Julio Duarte de Sousa, do Porto.

Continua muito incommodado o sr. Antonio Justiniano da Silva, tabellião de Notas do extincto Julgado Ordinario de Barcelinhos. Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Com breve demora esteve em Barcellos, o nosso patricio sr. Domingos Pereira Esteves, commerciante do Porto.

Está na sua quinta de S. João d'este concelho, o sr. Manoel Vieira Borges, importante industrial da praça do Porto.

Vimos n'esta villa o sr. Francisco José da Costa Ribeiro, nosso conterraneo e presado assignente, residente no Porto.

Passa incommodado de saúde o sr. Luiz Ferraz.

AGRICULTURA PORTUGUEZA

Jornal dedicado á defeza da agricultura nacional Redigido e collaborado por agricultores, agrónomos, veterinarios e silvicultores.

Directores—Francisco S. Margiochi e Paulo de Moraes.

Proprietarios—Borges e C.ª.

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO A agricultura Portugueza publica-se quinzenalmente, nos dias 5 e 20 de cada mez em fasciculos de formato 8.º grande.

Condições da assignatura Portugal e provincias ultramarinas 2:000 reis.

Estrangeiro 2:500 «

Numero avulso 100 «

Redacção e Administracção -71, rua de S. José, 71, Lisboa.

REVISTA CATOLICA

Semanario destinado á defeza das verdades christãs, dos direitos e liberdades da igreja e do clero, e dos grandes principios sociaes Condições da assignatura paga adiantada

Portugal e provincias ultramarinas 1:500 reis.

Brazil, moeda forte 3:000 «

Numero avulso 30 «

Editor responsavel dr. Conego Manoel Vieira de Mattos—Vizeu.

NOVIDADE LITTERARIA

Carteira de um jornalista—Portugal e Africa

A questão colonial—O conflicto anglo-portuguez por J. P. Oliveira Martins.

socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, honorario da Real Academia de Historia do Ateneu de Madrid; correspondente da Real Academia Hespanhola;

membro do Instituto Internacional de estatistica de Londres, etc.

1 volume 400 reis.

Livraria Internacional, Porto.

O CHARIVARI

Semanario humoristico illustrado Serie de 12 numeros 240 rs.

Brazil 12 numeros 1:920 rs.

Redacção rua de St.º Ildefonso, n.º 73 a 77, Porto.

O PROGRESSO CATHOLICO

Quinzenario religioso scientifico litterario e artistico

Anno, Portugal e Hespanha 300 rs. Redacção, rua Gil Vicente, Guimarães.

CARTEIRAS

Cara notas e cédulas, sortimento para todos os preços. A' venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 61, Barcellos.

LIVRARIA GUILLARD, AILLA E C.ª

casa editora

Paris, 47, rue de Sain-André-des-Artes—Filial em Lisboa 242, Rua Aurea 4.º

Curso Elementar de Geographia, conforme o programma do terceiro anno dos «Cursos dos Lyceus» por Manoel Ferreira-Deusdado, lente do Curso Superior de Lettras, director da revista de «Educação e Ensino». Um volume em 12 de 500 paginas, ornado de numerosas gravuras, encadernado em percalina. Custo..... 4:000 reis.

NA MESMA LIVRARIA

Algumas Noções de «Lingua e Litteratura Portugueza» conforme o programma official para os alumnos de instrucção secundaria por Alfredo Campos. Custo..... 300 reis.

KALENDARIO

PARA 1892

Lindos gostos á venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—campo da Feira 61, Barcellos.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores. 4, rua de St.º Ildefonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

PATHOLOGIA SOCIAL

I

O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Abi está o assumpto d'este estudo devido á penna de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbrogada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente a isso provem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza, como uma nojenta herpes icuravel, que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor apathogenense d'essa modestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agourara este trabalho—novo no seu genero—um successo colossal.

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romanee historico, de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas. Nossa Senhora de Paris, resurreição viva da idade medie, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor. Um grande volume em brochura 25400 reis; o mesmo, ricamente, encadernado em luxuosas capas de percalina, de differentes cores mandadas fazer expressamente na Alemanha 38400 reis: e, se alem de encadernado, tiver as folhas douradas, custa 28700 reis.

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da Misericordia

DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algafas, meias elasticas suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

EMPREZA EDITORA DO «RECREIO»

DEPOSITO—RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 93—ADMINISTRACÇÃO E TYPOGRAPHIA—RUA DA BARROCA, 109—LISBOA

CARLOS SERTORIO

NOVELLAS PORTUGUEZAS

PUBLICAÇÃO MENSAL EM FOLHETO DE 48 A 64 PAGINAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

As «Novellas Portuguezas» serão publicadas isoladamente, em folhetos de 48 a 64 paginas cada uma, pelo módico preço de 60 reis, e saindo uma por mez; de fórma que no fim do anno, o assignante terá dois volumes de 300 paginas cada um, pelo preço de 360 reis. Quasi um real cada pagina!

Toda a obra contém, pois, 12 folhetos que importam ao assignante em 720 reis, formando dois unicos volumes.

Está em distribuição a 1.ª novella «O Caçador Caçado».

Em Lisboa, a assignatura pôde ser aos volumes ou aos folhetos. Cada folheto, 60 reis.—Cada volume, 360 reis.

Para a provincia, a assignatura é paga adeantadamente, 720 reis toda a obra, devendo declarar-se se o assignante deseja receber aos folhetos ou aos volumes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Romano Torres, editor do «Recreio», rua da Barroca, 109, Lisboa.

MAPA DE PORTUGAL

Com a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria

ALBERTO MONTEIRO

engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas. Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construcção.

1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/850:000 200 reis, encavernizado, collado em panno e com reguas 1:000 REIS

CORTADO COLLADO EM PANNO em forma de carteira em um estojo de cartão 1:000 reis.

O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaça, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as bandeiras de todos os paizes.

1 folha de 1,70m x 0,90m = 400 reis.

ENVERNISADO COLLADO EM PANNO e com reguas

1:500 REIS.

mapa com as vistas só pde ser remettido pelo caminho de ferre e accrescendo a despeza de 100 reis para as linhas do Norte e Leste Sul e Sueste, e de 220 reis para todas as outras.

A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora

GULLARD, AILLAUD & C.ª
242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alves do Valle—Campo de S. José.

VIDA

DE

D. FREI BARTHOLOEU DOS MARTYRESM

Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas da Ordem dos Prégadores, etc., etc.

Obra reproduzida na magnifica edição de 1610 feita em Vianna do Castello á custa da mesma cidade. E' repartida em sete livros, com a solemnidade da sua trashedição por Frei Luiz de Cacegas e reformada em estylo, ordem e amplhada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1670, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario.

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e economicas afim de contribuiam para a solemnisação do seu centenario da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Sousa feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seis livros de que é composta, em 3 volumes, o primeiro dos quaes já estão publicados.

Tres grossos volumes Preço 1:800 reis franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os srs. correspondentes terão a percentagem de 2%, e além d'isso, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Forte e C.ª, —56 Rua Nova de Sousa 58, A—Braga.

A todas as senhoras do paiz

NOVO MATHODO DE CÔRTE

E' maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras illucidativas sobre medidas, côrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia.

Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illustrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

Vende-se em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azevedo—Campo da Feira. 93.

VICTOR HUGO

HISTORIA DE UM CRIME

(TRADUÇÃO D'UM EMIGRADO POLITICO. Está em distribuição o 2.º fascicuto d'esta magnifica obra historica, illustrada com excellente gravuras de pagina, edição luxuosa No Porto e Lisboa, distribuir-se ha nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma bellissima gravura, pelo módico preço de 400 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Nas demais terras do reino as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importancia de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Joaquim Ignacio Saraiva, rua do Bom Jardim, 272, Porto onde se recebem assignaturas.

GEOGRAPHIA ECONOMICA (AGRICOLA, INDUSTRIAL E COMMERCIAL)

Offerecida ao Atheneu Commercial do Porto.

por

José Nicolau Raposo Botelho, major d'infantaria e ex-professor do Lyceu Central do Porto.

Condições da assignatura:

A obra será impressa em formato, papel e typo equal ao dos respectivos prospectos, em tudo recommendaveis.

A distribuição, constante de 15 fasciculos, aproximadamente, de 80 paginas, pelo preço de 200 reis cada um, será feita nos dias 1 e 15 de cada mez, ficando a obra completa em 3 volumes.

Os pedidos das provincias deverão ir sempre acompanhados da sua importancia.

Assigna-se nas principaes livrarias do paiz e na Livraria Universal de Magalhães e Moniz, Largo dos Loyos, 12, Porto.

BIBLIOTECA SCIENTIFICA

E LITTERARIA DO CLERO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO.

ou Apologetica por Francisco Hettinger doutor em philosophia e theologia e professor da Universidade de Wurzburg, traducção portugueza do dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de Vespera da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra.

Obra approvada pelo eminentissimo cardeal bispo do Porto.

Primeira parte

Demonstração da religião christã Tomo 1.º, custo 25200 reis.

Papelaria e Typographia Morgado 8, Praça dos Voluntarios da Rainha, 10, Porto.

TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE BARCELLOS» Rua de S. Francisco, n.º 52, BARCELLOS.

E' seu editor o sr. Joaquim Maciel, de Roriz.